



# *A qualidade em educação: pontos iniciais de uma abordagem sapiencial do problema*

Manuel Ferreira Patrício\*

1. Tudo o que é ou existe pode ser qualificado. Tem, mesmo, de ser qualificado, por exigência incontornável da consciência humana, que não é apenas constativa, mas também axiológica ou valorativa. Ou seja: a respeito de tudo o que é e/ou existe se põe o problema da qualidade.

Isso mesmo deriva do pensamento categorial de Aristóteles, que continua a alimentar super abundantemente a humanidade. Logo, no capítulo nº 4 das *Categorias*, fala o grande Estagirita dos significados gerais que qualquer palavra ou expressão independente tem. Esses significados gerais são as categorias ou predicamentos. As quatro primeiras que o Filósofo menciona são importantíssimas para a compreensão profunda da educação. São elas: a substância (*o quê*), a quantidade (*grandeza ou magnitude*), a qualidade (*que classe de coisa é*), a relação (*com que se relaciona*). Todas as categorias aristotélicas são importantes para compreender a educação, mas estas quatro são particularmente importantes.

2. Nesta primeira referência à qualidade, Aristóteles utiliza o termo “coisa”: “que classe de coisa é”. Todavia, é evidente que o problema da qualidade não se põe apenas a respeito das coisas, mas também das pessoas, das acções e dos actos. A razão mais geral desse facto é que as acções e os actos, bem como as pessoas, também são e existem, embora não sejam coisas. O mesmo, aliás, se dirá dos processos e dos resultados — conceitos da maior relevância em educação. Voltamos à proposição inicial: tudo o que é e/ou existe pode ser qualificado.

No capítulo nº 8 das *Categorias*, diz Aristóteles: “Por *qualidade* significo aquilo em cuja virtude os homens são chamados tais ou quais”. O Filósofo já não se refere agora às “coisas”, mas aos “homens” (nós hoje dizemos frequentemente “pessoas”).

“Qualidade” é um termo que se emprega no singular e no plural. Como categoria, o termo aparece no singular. Como predicado de um sujeito, emprega-se no plural, porque verificamos, no fim de contas, que há muitas “qualidades”. Aristóteles identifica quatro classes ou espécies de qualidades. Dentro de cada uma dessas classes ou espécies encontramos, ainda, muitas qualidades distintas. Umhas têm mais e outras menos interesse para a educação.

\* Professor Catedrático da Universidade de Évora

3. Nas *Categorias*, a qualidade aparece predominantemente como um problema lógico. Todavia, é evidente que, desde logo, ele aparece também como um problema metafísico. Metafísico no sentido pleno do termo: é ôntico e é ontológico. É ôntico: nenhum ente escapa ao juízo de qualificação. É ontológico: é do próprio ser que deflui a qualidade e que deflui o juízo de qualificação.

4. Julgo eu que se pode distinguir entre o ente natural e o ente técnico (técnico, incluindo o tecnológico e o industrial). Esta distinção é da maior importância para a educação. Se é verdade que de todo o ente se tem de fazer um pronunciamento de qualidade, então também do ente técnico, tecnológico ou industrial se tem de fazer tal pronunciamento.

O que acontece com o ente técnico é que ele é produzido, ou seja, é conduzido, é trazido a ser e existir a partir de uma potência criadora que passa necessariamente pelo acto decisório do ser humano (deixemos, de momento, de fora outras possibilidades) e pela acção efectivadora do mesmo ser humano. Ou seja: o ser humano decide fazer, decide produzir, tal ou tal ente e mobiliza e utiliza para o efeito os meios necessários.

Quanto ao ente natural, ele brota das entranhas da natureza sem ter sido objecto de uma deliberação produtora por parte de qualquer outro ente. É filho directo da natureza.

O ente técnico é o que resulta da ideação e realização produtora de um ente portador de consciência.

A educação, seja como processo seja como resultado, é um ente técnico. Ela resulta da ideação, vontade e efectivação de um ente consciente, que é o ser humano (entendido individualmente e como espécie).

Há, todavia, um sentido em que nenhum ente é completamente técnico. É o seguinte: é o que o humano *produz*, mas não *cria*. Isto ao nível da matéria; porque ao nível da forma, o homem *cria*.

Portanto, no rigor das coisas, o ser da educação é misto: a matéria sobre que incide a acção educativa é algo de pré-existente à acção educativa, de dado; a pessoa é concepção e realização do homem (que deste modo *cria*, não absolutamente, mas relativamente).

Não há, pois, nenhum determinismo fechado a governar a educação. A liberdade do homem, a vontade humana livre, exerce a sua acção sobre a matéria educável. Há, deste modo, condicionantes, mas não determinantes, da acção educativa humana.

Mas a matéria educativa humana é dinâmica e há nela um potencial de ser que busca a sua plena actualização. Em contexto apropriado, tal potencial seria auto-conduzido para a plenitude da sua actualização. Neste sentido, a vontade livre e criadora do homem é uma forte condicionante da matéria educável do homem.

A ser assim, a educação compreende: a) a matéria educável do homem, b) o esforço produtor de educação do educador; c) o esforço produtivo de educação do educando; d) a totalidade do património acumulado pelo homem, particularmente pelo que pertence

ou pertenceu à comunidade de pertença do educando; e) a forma visada por esses esforços e, aliás, em parte já presente como resultado (ou produto) na matéria actual de que parte todo o agente educativo.

5. Píndaro deixou-nos um verso precioso: "Sê quem és". Este verso, que tem a natureza e dignidade de uma sentença, foi escutado atentamente por três grandes pensadores da humanidade: em primeiro lugar, por Goethe; em segundo lugar, por Nietzsche; em terceiro lugar, por Ortega y Gasset. Está ali, está neste precioso verso, o imperativo supremo da educação: que cada um chegue a ser ele próprio, aquele que é, aquela pessoa que no centro íntimo e último de si mesmo cada um é. É ou tem para ser. É e não é, mas *pode* vir a ser, mas *deve* vir a ser. Vir a ser aquele que se é: eis o projecto de vida que mora dentro de cada um de nós já ao nascer (já ao ser concebido). Expulsar de dentro de nós um projecto de vida é a maior das desgraças que a qualquer um pode acontecer: é a expulsão do próprio de dentro de si. Não há pior expropriação possível. Cuidar desse projecto — de ser quem é — até aos limites do possível, com todo o amor e zelo de que formos capazes, é o caminho certo para viver a vida que nos foi dada.

6. À luz do verso de Píndaro, não é o que vem de fora que importa decisivamente para a educação de cada qual, mas o que reside dentro do próprio, o que é já o próprio no campo das potencialidades, o que é a vontade de ser em acto o que é em potência: o que é apenas *em potência*, mas na verdade é.

O que há a fazer do lado de fora é não obstruir o caminho da actualização dessa potencialidade viva, dessa vontade de dar existência à sua essência; é desobstruir esse caminho, se porventura algo o obstrui; é aplaná-lo, para que mais facilmente, mais rapidamente e mais plenamente ele seja percorrido pelo *alguém* que quer coincidir consigo mesmo no teatro da vida. No teatro da vida, que é o palco em que se representa a peça que quer ser o seu texto em acto.

7. Uma tal maneira de ver e compreender a educação é ao mesmo tempo essencialista e existencialista. Essencialista, porque assenta na ideia de que cada ser humano é uma essência única, que aspira a existencializar-se e a existencializar-se plenamente, coincidindo a essência com a existência. Existencialista, pela exigência de existência que lateja na essência e ainda pela importância própria da existência, da qual a actualização da essência depende.

Como colocar, à luz desta análise, o problema da qualidade da educação? De que qualidade falamos? Qual o critério para assinalarmos a sua presença ou a sua ausência, ou o grau da sua presença?

Viu-se que nós pensamos existirem dois tipos de qualidade: a qualidade natural; a qualidade dita técnica (ou tecnológica, ou industrial; poética, no fim de contas), que é



aquela que nos parece ver nos objectos, processos, acções, actos que são executados (*produzidos*, que vêm a ser, que vêm à existência, que acedem ao mundo da realidade) a partir de um processo de ideação, decisão e efectivação de um ser consciente e poiético-espiritual, como é, por exemplo e superiormente, o ser humano.

8. Se Píndaro tem razão no seu verso, a qualidade própria da educação é a natural. Mas se é verdade que o processo de actualização da pessoa potencial, que o processo de existencialização da essência da pessoa, mostra os limites do poder da potência/essência e a correlação necessária desta com o acto/existência, sempre condicionante e por vezes como que determinante, então temos que fazer intervir também, na realização e apreciação da educação, a qualidade artificial ou técnica, como condição de existencialização da qualidade natural e meio para ela.

À luz do pensamento profundo de Píndaro, só pode falar-se de qualidade perfeita da educação, enquanto resultado de todo o esforço educativo, quando aquele que quer ser quem é chega a ser plenamente quem é. À luz do mesmo pensamento, a qualidade do processo educativo é tanto maior quanto mais propício for esse processo à consecução da teleonomia que o habita.

9. Perguntarão as vozes oriundas da ciência pelos critérios de reconhecimento da qualidade assim definida. Exigir-nos-ão formas objectivas de operacionalização das ideias e categorias que procurámos estabelecer. É mais fácil responder-lhes em relação à qualidade tecnológica que em relação à qualidade ontológica (no fundo, ontológico-personológico). Mas, na verdade, aquela depende desta, pelo que a facilidade cai dentro da dificuldade, que é a sua real casa.

Arriscarei dizer que o conhecimento científico do paradigma galilaico não é apropriado à realidade da pessoa. Tal paradigma só é apropriado ao que é coisa. Aplicá-lo à pessoa implicaria a fatal operação prévia de reificação desta. Mesmo que tal operação tivesse êxito, inane seria o seu resultado, que diria respeito não à pessoa mas à coisa em que ele fora transformada.

Terá, pois, de ser a outro tipo de saber que é preciso recorrer para determinar a presença ou ausência da qualidade na pessoa, da qualidade da pessoa, da qualidade na e da educação de cada maravilhosa e prodigiosa singularidade subjectiva que é o ser humano na sua concretude pessoal. Assim, teremos de abandonar a ideia da possibilidade e necessidade de encontrar *critérios científicos* de determinação da qualidade da educação e abraçar a ideia da possibilidade, necessidade e urgência de encontrar *critérios sapienciais* de determinação dessa qualidade. *A ciência não tem ouvido para a música do verso de Píndaro. É a sapiência que tem esse ouvido.* À educação e à pessoa não basta o que é ciencial. Só o saber sapiencial está à altura do ser da educação e do ser da pessoa. Como os que sabem sempre souberam.